



FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 9 DE MARÇO, DE 2026 - 21H00



Há realizadores que regressam obsessivamente aos mesmos temas como quem revisita uma rua da infância, na certeza de que cada esquina tem ainda o que contar e Woody Allen é um desses casos, sendo que Nova Iorque guarda sempre muito que contar. Em *Small Time Crooks*, reencontra o território dos falhados sonhadores, dos pequenos vigaristas de bairro, das criaturas que aspiram a um golpe genial mas tropeçam invariavelmente na sua própria mediocridade. E é justamente desse desfasamento entre ambição e pequenez que nasce a comédia, uma comédia que, sob a leveza aparente, carrega uma fina camada de amargura.

O ponto de partida poderia ter saído de uma farsa clássica: Ray Winkler, ex-presidiário de inteligência duvidosa mas convicção inabalável, decide assaltar um banco escavando um túnel a

partir da cave de uma loja vizinha. Para disfarçar a operação, a mulher, Frenchy, abre um negócio de venda de bolachas. O que devia ser fachada torna-se fenómeno comercial; o assalto falha, mas as bolachas fazem fortuna. A ironia é total, quase matemática: o crime não compensa, mas a estupidez, quando aliada ao acaso, pode render milhões.

Há ecos claros da tradição das comédias criminais britânicas dos Ealing Studios, onde o delito surge como motor de um humor que nunca esquece a condição humana. Recordar-se inevitavelmente *The Ladykillers*, não tanto pela semelhança da história, mas pela galeria de criminosos desajustados, figuras que parecem sempre ligeiramente deslocadas do mundo real. Contudo, onde os ingleses cultivavam uma elegância soturna, Allen opta por um registo mais ruidoso, mais nova-iorquino, mais próximo da caricatura.

A composição de Woody Allen como Ray é um dos seus grandes exercícios burlescos tardios. Fala sem parar, confunde raciocínio com barulho verbal, e transforma cada frase numa pequena catástrofe lógica. Mas o brilhantismo deste filme desta em *Tracey Ullman*, cuja Frenchy percorre o arco mais delicioso do filme: de dona de casa de gosto duvidoso a nova-rica empenhada em adquirir cultura como quem compra móveis. A sua transformação é simultaneamente cômica e cruel, a ascensão social não elimina o vazio, apenas o reveste de um verniz estaladiço.

Quando surge o marchand de arte interpretado por Hugh Grant, o filme entra numa segunda etapa, quase uma comédia de costumes sobre o snobismo cultural. Allen diverte-se a satirizar o mundo das galerias, dos intelectuais de fachada, das conversas onde ninguém ouve ninguém. É um universo onde a ignorância pode ser disfarçada com vocabulário adequado e onde o dinheiro substitui o talento como critério estético. Aqui, o riso é mais fino, menos explosivo, mas igualmente certo.



Importa ainda destacar a presença de Elaine May, que oferece ao filme uma nota de humanidade discreta. A sua personagem observa o desfile de disparates com um olhar quase maternal, lembrando que, no meio da sátira social, há sempre espaço para ternura inesperada, sentimento raro no universo alleniano, tantas vezes dominado pelo cinismo.

Visualmente, a direcção de arte de Santo Loquasto constrói dois mundos contrastantes: o bairro modesto, de cores gastas e interiores apertados, e o universo polido da alta sociedade, feito de linhas elegantes e espaços amplos. Essa oposição plástica reforça a própria estrutura narrativa: a passagem do subsolo (literal, no túnel do assalto) para as superfícies luminosas do luxo. A fotografia de Zhao Fei acompanha essa transição sem ostentação, servindo a história com discrição clássica.

Mas o que verdadeiramente distingue *Small Time Crooks* é o seu subtexto moral, ainda que nunca assumido. Allen parece sugerir que o acaso governa mais do que o mérito, que o sucesso pode nascer do erro e que a elevação social não implica elevação espiritual. No final, não há uma lição edificante, apenas um sorriso enviesado. O mesmo sorriso com que o realizador tem vindo a olhar para a humanidade ao longo de décadas.

O filme foi considerado por muitos críticos como não sendo um dos melhores de Allen, eu acho que é uma pérola ignorada da sua cinematografia, uma comédia sólida e inteligente. Como tantas vezes em Woody Allen, ri-se muito... e, sem dar por isso, reconhece-se algo de incómodo naqueles patéticos vigaristas de bairro.

Frederico Corado



VIGARISTAS DE BAIRRO

Título original: *Small Time Crooks*

Realização: Woody Allen (EUA, 2000); Argumento: Woody Allen ; Fotografia (cor): Zhao Fei; Montagem: Alisa Lepselter; Casting: Laura Rosenthal, Juliet Taylor; Design de produção: Santo Loquasto; Direcção artística: Tom Warren; Decoração: Jessica Lanier; Guarda Roupas: Suzanne McCabe; Maquilhagem: Milton Buras, Werner Sherer, Rosemary Zurlo; Direcção de produção: Mara Hade Connolly, Helen Robin; Assistentes de realização: Paul F. Bernard, Richard Patrick; Departamento de Arte: Peter Gelfman; Som: Gary Alper, Robert Hein, Glenfield Payne; Efeitos Especiais: John Ottesen, Ron Ottesen; Produção: Letty Aronson, J.E. Beaucaire, Jean Doumanian, Charles H. Joffe, Helen Robin, Jack Rollins.

Com: Woody Allen (Ray Winkler), Tracey Ullman ('Frenchy' Winkler), Hugh Grant (David Grant), Elaine May (May Sloan), Michael Rapaport (Denny Doyle), Tony Darrow (Tommy Beal), Jon Lovitz (Benny Borkowshi), Carolyn Saxon (Candy Salesperson), Sam Josepher, Lawrence Howard Levy, Diane Bradley, Crystal Field, Cindy Carver, Ray Garvey, Bill Gerber, Olivia Hayman, Laurie Towler, Fanda Nikic, Brian Markinson, Dana Tyler, Steve Kroft, Brian McConnachie, Ricardo Bertoni, Isaac Mizrahi, Kristine Nielsen, Larry Pine, Julie Lund, Teri Black, John Doumanian, Phyllis Burdow, Maurice Sonnenberg, Richard Mawe, Karla Wolfangle, Rob Besserer, Frank Wood, Ruth Laredo, Julie Halston, Anthony Sinopoli, Jesse Levy, etc.

Duração: 94 minutos; Classificação etária: M/12 anos.

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 23 DE MARÇO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões- O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“A PANTERA COR DE ROSA”, de Blake Edwards (1963)